

**As identidades, uma política, a
identificação, um processo, e a identidade,
um sintoma¹**

Marie-Hélène Brousse

O século XX viu crescer um movimento de reivindicação que tinha suas raízes no que chamarei de a revolução universalista: o feminismo. O século XXI vê se desenvolver um novo movimento de reivindicação que mobiliza outro significante, um significante novo: o gênero. O termo não é novo. Pertence à língua desde a antiguidade e designa a classificação de conjuntos relacionados por algumas semelhanças. Quase universalmente presente na gramática das línguas, masculino, feminino ou neutro, associado ao nome, inscreve a marca da diferença sexuada no funcionamento das línguas chamadas naturais. Embora esse termo, polissêmico, seja antigo, o uso que se faz dele atualmente e os estudos que o promovem não o são. Conseguiu impor-se e reorganizar o conjunto dos discursos. Esse potencial obriga efetivamente a levá-lo em conta de maneiras muito diferentes e mesmo antagônicas. Ele está ligado a outros dois significantes de importância crescente no discurso: identidade e minoria.

Identidade e gênero: algumas referências

Sou psicanalista e, portanto, abordarei o gênero e a identidade desde essa disciplina. Algumas referências são necessárias. A primeira concerne à linguagem. Nossa matéria, esta com a qual operamos, é a linguagem - e Lacan a coloca em evidência de maneira retroativa em sua leitura

de Freud -, a língua falada cotidianamente, a linguagem corrente em sua materialidade, o som.

Mas essa linguagem está moldada no e por um discurso que Lacan formalizou, o discurso do mestre. O inconsciente, tal como se manifesta na análise, é seu avesso. A psicanálise não é uma ciência das profundezas da psiquê, é uma disciplina do que retorna. A cadeia de palavras do analisante, tomada na estrutura do discurso do mestre, segundo uma topologia de banda de Moebius, retorna sobre si mesma. Tal como as línguas naturais se transformam, os discursos se transformam e os significantes-mestres que orientam os efeitos de sentido, de sentido comum, surgem e declinam. *Gênero* substituiu *sexo* como significante-mestre: *Gender/sexe*. Essa substituição tem evidentemente implicações e consequências.

Os discursos sobre o gênero foram introduzidos majoritariamente pela língua inglesa, e conheceram primeiramente um êxito crescente nos Estados Unidos. Os assuntos da vida sexual sempre tiveram nos Estados Unidos, assim como no Reino Unido, uma incidência mais forte do que na França. Certamente as raízes puritanas e protestantes, presentes no discurso em língua inglesa, têm efeitos diferentes daqueles engendrados pelo catolicismo. A dificuldade para traduzir em inglês, de maneira adequada, o termo lacaniano *gozo*, é prova disso. O termo *gênero* evita o equívoco sempre presente no significante *sexo* que, masculino ou feminino, assegura uma função classificatória e, indissociável de Eros, tem sempre um valor erótico na língua. Além disso, o termo *gênero* sai do binário construído com a reprodução, para introduzir um terceiro termo, *neutro*.

Poderia sustentar cada uma dessas afirmações em elementos da psicopatologia da vida cotidiana: a utilização dos WC públicos, a reivindicação de neutralidade sexual escutada há três anos, ao vivo, em um evento paralelo sobre

The Empowerment of Women, na ONU, na entrevista com o professor Jack Habelstram do Departamento dos *American Studies and Ethnicity, Gender Studies and Comparative Literature*, da Universidade do Sul da Califórnia, especialista em estudos *Queer*. O enunciado disciplinar, seguramente bastante complicado, que acabo de citar integralmente, mostra que o significante *gender* está correlacionado à *etnicidade, minorias e Queer*. Essa entrevista foi publicada no nº 2 de *The lacanian Review*, "Sex all over the place", título dado por outra universitária norte-americana, Joan Copjec, muito conhecida por ter introduzido e publicado Lacan nos EUA - particularmente "Televisão" - na revista *October*, que então ela dirigia.

Se o gênero já não determina o sexo na suposta diferença, reduzida à anatomia, entre homem e mulher, surgem duas perguntas: o gênero substitui a identidade sexual? Para onde se desloca a função erótica que os sexos "masculino ou feminino" situavam, ou pretendiam situar, a serviço dos sistemas de parentesco, sob o controle da anatomia? Resposta: "all over the place".

Uma modificação histórica de discurso

A psicanalista que sou aborda os debates e enfrentamentos atuais sobre gênero e identidade de uma maneira não polêmica. A psicanálise sabe do poder dos significantes-mestres sobre as *falasseres*, mas também sabe que esse poder se baseia em dois elementos: o poder dos semblantes em geral, e as condições para que um significante, sempre vinculado a uma época, possa, para além de seu surgimento necessariamente minoritário, impor-se majoritariamente como dominante. A partir desse lugar tem, então, função de verdade. Um estudo crítico da identidade e do gênero é a ocasião, para a psicanálise, não apenas para continuar elaborando a noção de discurso do

mestre, mas também para estudar - em tempo real - sua modificação histórica em seu percurso pelas ocorrências da fala dos analisantes. É um dos modos de desdobrar a psicanálise de orientação lacaniana em suas últimas invenções. Assinalo assim o estudo feito por Jacques-Alain Miller do ultimíssimo Lacan, extraíndo uma modificação do discurso e da prática analítica sobrevinda nesse último período do seu ensino: o acréscimo ao inconsciente freudiano, obtido pela decifração e transferência, de outro inconsciente ao qual nomeia como inconsciente real. É mais correto dizer que ao inconsciente transferencial se acrescenta o inconsciente real, segundo a topologia posta em evidência do laço entre sexualidade fálica e sexualidade não-toda fálica. O inconsciente real não está fora do valor fálico, porém não está totalmente regido pela metáfora. O sujeito do inconsciente não é o único objeto em jogo na análise. O corpo falante também joga sua partida.

Pluralização da noção de identidade e abandono da ideia de unidade unificadora

Estabeleçamos de início que *gênero* designa uma das formas compreendidas na identidade. Efetivamente, este outro termo também está em voga. Dizer "uma das formas" implica uma pluralização da noção de identidade: identidade sexual ou assexuada, mas também nacional, grupal, ética, racial, religiosa, espiritual, econômica, política, etc. Essa pluralidade, patente nas ocorrências do discurso do mestre atual, é paradoxalmente o contraponto de uma concepção da identidade que caracteriza um indivíduo em sua singularidade e em sua totalidade: uma identidade ideal, minha identidade, o que sou, totalmente e em qualquer tempo e lugar; portanto, uma identidade unificadora ou inclusive, como a orientação fenomenológica o desenvolveu, uma unidade intencional. Em sua intervenção em um Colóquio na Universidade John Hopkins, em Baltimore, em 1966, Lacan

fala nestes termos: "Os grandes psicólogos, inclusive os psicanalistas, estão imbuídos da ideia de *personalidade total*. Em todos os casos, trata-se da unidade unificadora que é posta em primeiro plano. Nunca compreendi isso, porque embora seja psicanalista, nem por isso sou menos homem, e enquanto tal, minha experiência me provou que a principal característica da minha vida de humano (...) é que a vida é algo que, como dizemos em francês, vai à deriva... A ideia de unidade unificadora da condição humana sempre teve o efeito em mim de uma mentira escandalosa". A deriva de quê? A deriva dos significantes, para começar.

É o que demonstra essa explosão do termo identidade e sua conseqüente pluralização. Além disso, desde Freud, a divisão subjetiva, correlativa à introdução da hipótese do inconsciente e sua verificação pelas manifestações que o produzem, vem opor-se a essa identidade enquanto unidade unificadora. Podemos então aceitar a elevação da identidade e do gênero ao patamar de significantes-mestres, em discursos com uma enunciação reivindicativa ou angustiada, como a demonstração do que a psicanálise afirma sobre o sistema psíquico desde os primeiros trabalhos dessa disciplina, e que, até agora, apenas a prática analítica verificava. Contudo, está o eu e a cognição, objeto de uma disciplina que vai de vento em popa, embora seu campo seja difícil de definir, entre o cérebro e a lógica. Do ponto de vista da análise, o eu tampouco pode pretender a unidade, uma vez que ele também consiste em "pensamentos com palavras" que escapam ao controle, mas não ao mal-entendido. Quer dizer que não há unidade? Certamente não, mas é igualmente certo que não há tampouco nenhuma unificação a esperar por esse lado.

É algo estabelecido desde a formulação do cogito nas *Meditações*, do qual Lacan diz que a base epistemológica que ele constitui para a ciência é uma das condições de

possibilidades da psicanálise: “Eu sou” é válido no instante de sua enunciação.

De onde vem, no entanto, que funcionemos como *falasseres* com a evidência de que somos sujeitos, desde sempre sujeitos à dúvida, à incerteza ou à crença, e apesar disso mais ou menos unificados e tanto mais assertivos, quanto menos seguros? É aí onde a psicanálise pode provocar uma virada neste conceito, mostrando que a identidade não está aí onde ela é pensada.

A identidade é de papel

Em seu curso, essencial, de 2006-2007, Jacques-Alain Miller esclarece uma solução de continuidade crucial no ensino de Lacan. Isso não significa uma anulação ou um repúdio do seu ensino anterior, mas sim uma mudança de acento e mesmo de dimensão. Na aula de 17/01/2007, ele faz um comentário sobre a noção de identidade, que voltará a trabalhar nas aulas de 14/03/2007 e de 30/05/2007 a partir dos mecanismos de identificação. “Essa prioridade do Outro está marcada no mais profundo da identidade do sujeito, a constitui. Podemos inclusive dizer que Lacan se esforça em colocar unilateralmente do lado do Outro tudo o que é constituinte para o sujeito”. A dimensão do imaginário, pela qual ele começou seu trabalho inovador de leitura de Freud, “já atribui à imagem virtudes simbólicas”, e o desenvolvimento da dimensão do simbólico, com base no inconsciente estruturado como uma linguagem, reforça isso definitivamente. A identidade está do lado do Outro, tanto das imagens rainhas como dos significantes-mestres, e não do lado do sujeito, efeito da linguagem. Escutava dois analisantes: um falava de um sonho, o outro de uma recordação extraída de sua chegada à França, onde depois fez sua vida, sendo hoje cidadão desse país.

Nas formações do inconsciente, a identidade estava em primeiro plano sob a forma de “documentos de identidade” -

carteira de identidade, cartão de seguridade social, cartão de crédito ou passaporte do país de origem - que um ato falho o havia feito esquecer, no dia de sua chegada, com sua carteira no teto de um taxi, no momento de pagar a corrida. A identidade do sujeito são os documentos emitidos pelo Outro. Outra referência clínica: minha entrada nos EUA e o documento de imigração.

Isso me leva a fazer uma precisão. Numa entrevista, uma paciente hospitalizada após uma tentativa de suicídio, desorientada- ela não sabia quem era nem o que queria - evoca um momento de sua vida, a melhor época de sua existência. Quando lhe pedi que me explicasse, ela respondeu: "eu lhe disse, trabalhava num bar como 'garota de programa' (*fille de joie*) e então estava alegre (*jouyeuse*)".

A identidade era sólida. Por que? Porque não havia metáfora. Porque *fille de joie* (literalmente, garota alegre) é *joie* (alegria). Essa vinheta clínica mostra, ao contrário, que o Outro proposto por Lacan funciona a partir da articulação mínima de um S_1 com um S_2 , permitindo a substituição do S_2 pelo S_1 , do S_3 pelo S_2 , etc. Cada substituição produz um efeito de sentido, que é essa deriva à qual Lacan se refere em Baltimore. Dessa maneira, a identidade, salvo efeitos de sentido estrito ou de ponto de basta, escapa e foge do sentido, que faz função, em geral, de realidade.

A identidade e o gênero, como identidade sexual, são do Outro, e estão no Outro. Não deriva daí nenhuma unidade, tampouco nenhuma unificação. O novo hoje é que apareceram receitas alternativas àquelas que estavam em jogo no laço social. Isto é tudo e é muito. O avanço das identidades e do gênero, que aspiram ao estatuto de significantes-mestres no discurso contemporâneo, é a consequência da perda da hegemonia do discurso de mestre em vigor nas sociedades tradicionais, situadas sob a dependência do Nome-do-Pai,

semblante que tinha uma função de poder. A ciência e suas técnicas não haviam, todavia, transformado a reprodução humana. O Nome-do-Pai permitia definir o masculino e o feminino pela reprodução da espécie no seio do sistema de parentesco, a identidade sexual era definida por um binário presente tanto no imaginário como no simbólico. Já não é assim, porém a multiplicidade das identidades não modifica em nada seu modo de funcionamento. Ainda estão no Outro, e tentam propor novos modos de emprego do laço social. Isso é demonstrado no processo ganho por Jaime Shupe no Oregon, a quem um juiz acaba de autorizar a converter-se "na primeira pessoa não binária". Ele declarou: *I am not male, I am not female!* (Não sou homem, não sou mulher), e foi fotografado com sua esposa após sua vitória jurídica². Ele se nega a ser representado por um significante para outro significante: nem S_1 , nem S_2 . Não é *transgender*. Nega-se porque acredita nisto, no *gender*, tentativa de reduzir o sexo ao significante e à função de semblante.

É aí onde captamos uma tendência que está produzindo uma modificação do Outro ou no Outro. Lacan, em uma conhecida nota para um Congresso da Escola freudiana em 1968, fala "da marca, da cicatriz da evaporação do pai". Nessa fórmula há dois pontos: o pai evapora, seu domínio vai decaindo. Mas também - uma vez que o pai está articulado à fórmula da metáfora, à substituição que produz sentido - a metáfora perde potência no discurso e com ela, o semblante. Numerosos analistas das modalidades de discurso nas últimas eleições nos EUA sublinharam a desconexão entre o discurso e os fatos, os quais, como demonstra Jacques-Alain Miller no curso de 2006-2007 ao qual me refiro, estão no primeiro nível da interpretação. Atualmente está se produzindo um corte radical entre o discurso e a interpretação, efeito do triunfo da significação sobre o sentido e, portanto, do real do

discurso sobre a realidade. O real se emancipa "dos enredos do verdadeiro" e "é o que resta ao excluir o sentido".

Em psicanálise, identificação mais do que identidade

Freud situava já em "Psicologia das massas e análise do eu", três níveis de identificação. Os três faziam do Outro o principal ativo da identidade. O primeiro mecanismo desse processo de identificação é a identificação ao pai pelo amor, estabilizando a realidade. O segundo processo é definido por Freud a partir da histeria - sabemos de seu laço de discurso com a psicanálise. Jacques-Alain Miller propõe chamá-la, o que é extremamente esclarecedor, de identificação participativa com um outro, na medida em que este outro, esse semelhante, falta. A terceira é a identificação com o traço unário, não importa qual, desde que este esteja no Outro, e que J.-A. Miller define como a identificação a um traço qualquer, aleatório. Resumindo: Pai, $\$$ e Sq.

Pois bem, o último ensino de Lacan modificou a situação dos mecanismos de identificação. Já não se trata dos modos de identificação do sujeito enquanto representado por um significante para outro significante, nem do laço S1-S2. A linguagem e o discurso continuam tendo a prioridade, porém o sujeito, categoria simbólica, dá lugar ao *falasser* ou *ser falante*. Disso deriva outro processo de identificação que surge, não do Outro, mas sim de Um-Corpo (*Un-Corps*), como o demonstra J.-A. Miller. Evidentemente, isso põe em foco o Ego, em torno do qual Lacan faz girar seu estudo sobre Joyce, a partir do qual se desenrola seu último ensino.

Encontramos então no primeiro plano não tanto a noção de identificação, mas sim a de "pertinência, de propriedade". Pela via do sentido, incluído o de bela forma, o Outro apenas resulta, pelos processos de

identificação, em falta-a-ser, enquanto que Um-corpo (*Un-Corps*) só é capturado por sua consistência. No lugar do amor ao Outro, o pai, está a adoração do corpo, misto de imaginário e de real. Um-Corpo, produto do Um que escapa das garras da metáfora e do corpo. Certamente Lacan já havia construído uma teoria do narcisismo, despojada dos vestígios do imaginário, em prol do real da marca. O passo adiante consiste em definir o corpo, já não por sua imagem e como consequência o sentido, mas sim como corpo gozante, organizado pelos orifícios corporais, dos quais Freud já havia sublinhado a correspondência com as pulsões. Esses furos emitem sentido, que decorre das experiências de gozo, e que depois o aspiram, uma vez que o gozo está fora-do-sentido. Localizados em Um-Corpo, funcionam como marcadores, espécie de escrita indecifrável, porém inscrita.

Desidentificação: a volta da identidade

Um passo adiante foi dado por Jacques-Alain Miller em 14/03/2007, em sua leitura do Seminário que se segue ao *Seminário 24*. Destacarei a essência da fórmula e a radicalizarei. A identificação continua ainda está no Outro e se mantém como um processo essencial. Porém o Outro não dá uma identidade una, ou melhor, dá sempre ao menos duas. O Outro é a condição da constituição de nosso marco, nosso acesso à realidade, fundada na falta. Ele oferece os significantes que desfilam nas identidades de papel que se atropelam, se contradizem e que numa análise, caem como pele morta.

A única identidade que se sustenta, que tem consistência, é aquela que J.-A. Miller propõe chamar de *identidade sintomal*, que não é do sujeito, mas sim do Um-sozinho, do corpo do qual não podemos escapar, de seus furos, que a contingência dos significantes colocou em

funcionamento nas experiências singulares de cada um, experiências "triviais e sem igual".

Este é o sentido da expressão de Lacan "identificar-se com seu sintoma". Como esse processo se produz numa análise? Por extração e redução. Trata-se de desprender-se do Outro, permanecendo ali, uma vez que não há Outro do Outro. Trata-se de extrair dessas experiências, as marcas indelévels que elas deixaram em cada um de nós, e de alcançar, por redução, o modo de gozo sintomático daquele sujeito. Extração dos momentos em que um dizer marcou esse Um-Corpo, redução dos enunciados e desvelamento da enunciação são as condições para formular uma identidade desde o sintoma que, embora seja fruto do acaso, não deixa de ser a única garantia de unidade. Uma vez colocada em evidência como significação fora-do-sentido, todos os impedimentos, os enredos que produzia e que estavam feitos de sentido, caem. De algum modo, positivar o sintoma, ao preço da queda do sentido e da interpretação.

Tradução do espanhol: *Elisa Monteiro*

¹ Este texto de Marie-Hélène Brousse se inclui entre os textos de orientação das XVI Jornadas da ELP, realizadas em 11 e 12 de novembro de 2017, em Madri, cujo tema foi: *Yo soy... Todos somos - La psicoanálisis antes las nuevas identidades*. Foi traduzido para o espanhol por Azucena Bomdín. Disponível em: <<http://identidades.jornadaselp.com/textos-y-bibliografia/texto-de-orientacion/las-identidades-una-politica-la-identificacion-un-proceso-y-la-identidad-un-sintoma/>>. Agradecemos a Marie-Hélène Brousse a autorização para publicá-lo neste número de *Opção lacaniana on-line*.

² Parks, C. (11 jun. 2016). "Oregon court allows person to change sex from 'female' to 'non-binary'". In: *Le Monde*. Disponível em: <http://www.oregonlive.com/portland/index.ssf/2016/06/oregon_court_allows_person_to.html>.